

# epitaphica

## DAS LETRAS E DAS ARTES

### ÁFRICA, E TRIBOS BRASILEIRAS PRIMAS

Por CLAUDE SERVOISE

da exposição. Ele confessa recuar que a sua intuição seja por vezes arbitrária. Mas esta escolha rigorosa tem uma dupla finalidade: chamar a atenção para a diversidade da arte africana em geral, e, para mais, ressaltar a originalidade tribal de cada uma das obras, em relação às produções das tribos vizinhas. Numa introdução ao catálogo da exposição, Fagú escreve a este respeito: «É difícil para os europeus compreender a que ponto as artes tribais da África são diferentes, porque no decorrer dos dois últimos milénios, as artes nacionais dos países da Europa foram promíscuas no interior de um mesmo universo, isto quando as tribos africanas têm utilizado separados que diferem um dos outros mais ainda do que a arte europeia difere da chinesa».

Fagú acabou. O resultado da sua selecção é de qualidade excepcional, e atingiu o seu duplo objectivo: A diversidade da arte africana? Exprime-se de várias maneiras. Primeiro, os materiais são variados: madeira, pedra, osso, barro, etc. Mas, mesmo em países de floresta encontramos estátuas de pedra, tais como as estátuas divinatórias em pedra sabão dos Kissi da Guiné, ou as dos Sherbo da Serra Leoa, representando, sem dúvida, antepassados. No país do ouro, os Ashanti do Gambia fabricam igualmente figuras de terra cozida. Na Nigéria as mulheres trabalham o gesso, sem torno de oleiro e sem forno, há mais de dois séculos. Quanto aos bronzes, provêm do antigo reino do Benin, onde desde o século XIV se pratica a técnica muito evoluída da cera perdida.

A segunda diversidade é a dos meios de expressão. As maracas Dan (Guiné) e Baule (Costa do Marfim) são sóbrias e clássicas. As maracas Balamulle e Bawelle (Congo-Brazzaville) pintadas de branco, têm uma aparência espectral e uma expressão de vida e feminina, enquanto que a máscara Ekoi (Nigéria, Camerão) é fortemente masculina e de verdadeira do grotesco. Finalmente, o efeito cómico é levado ao extremo

pelos Bamule, como o prova a máscara Bacham de um «cubismo» acentuado.

Se a arte africana é essencialmente religiosa, esta exposição sobe acrescentar às máscaras rituais e estatuetas mágicas ou propiciatórias, objectos de corte, tais como a cabeça de Ifé (Nigéria).

(Continua na última página do Suplemento Literário)

Estatua de bronze do Médio Níger

Paris viu recentemente uma importante exposição de arte africana, que esteve patente no Museu de Artes Decorativas (Palais du Louvre). Foi organizada pelo Comité das Artes do Congresso pela Liberdade da Cultura, sob a direcção do seu secretário-geral, Nicolas Nabokov e de M.<sup>me</sup> Faby d'Arsohot, com a preciosa colaboração de William Fagú, conservador do Departamento de Etnografia do British Museum. Esta exposição apresentou com lucididade que bastam o que um mesmo número de tribos produziu de melhor plasticamente. Uns tribos museus e coleccionadores da Europa, África e América, emprestaram o seu concurso a esta tentativa original de melhor conhecer a arte e a alma da África negra.

M.<sup>me</sup> Claude Servoise, autora deste artigo é uma arqueóloga em missão no Museu do Louvre, e que fez recentemente uma longa estadia na África Oriental.

—Esta exposição de arte africana, recolhida e apresentada em Paris, no Museu de Artes Decorativas, já conheceu um grande êxito em Berlim, quando do Póvoa e Belas-Artes. A ideia tem isto de original: com tribos africanas repartidas numa área que vai da costa Atlântica à costa do Oceano Índico (do Senegal ao Tanganica); dos desertos do Sudão e do Tchad ao Equador, são representados nesta exposição. Mas cada uma delas delegou, de certo modo, uma escultura única que deseje, por si só, reunir o que uma tribo produziu de melhor. A esculha nem sempre foi fácil, reconhece William Fagú, conservador do Departamento de Etnografia do British Museum de Londres, que assume a direcção científica

# ROMEU CORREIA FALA-NOS DA PEÇA QUE TEM EM MÃOS SOBRE A FIGURA DE BOGAGE



ROMEU CORREIA

e azares acontecidos na aventura de Manuel Maria Barbosa do Bocage. As histórias que lhe são atribuídas ao longo do diálogo são fiáveis como da sua autoria. Uma rapariga da rua canta uma canção de Camões:

Vai o bem fugindo,  
cresce o mal aos anos,  
Vícios descobriam  
ao tempo os enganos.

Amor e alegria  
menos tempo dura.  
Triste de quem fia  
nos bens da ventura.

Quem vive contente,  
viva escasso  
mal que se não sente,  
é mais perigoso.

doventos que se evocam são suficientes.

— E se falássemos agora um pouco sobre a possível encenação deste texto?

— Um estrado largo e fundo, limitado pelo ardo do clareamento e uma bem aparelhada aparelhagem técnica são factores fundamentais. Quanto a cenário, a tarefa torna-se mais fácil: biombo desmontável e pequenos apontamentos. A cor e a este representação exerce de um exuberante colorido! — é de preferência feita através do projector eléctrico que utiliza o papel pintado. Para os biombo evocativos de lugares históricos, boteados ou praças públicas, será conveniente recorrer a gravuras da época, ampladas a preto e branco.

Já o mesmo não acontece com a roupagem das personagens que deverá ser historicamente exacta e rica.

Na representação de outro texto, deve manter-se a alma viva e íngenua dos espectáculos de feira do século passado.

É tudo sobre a miinha nova peça — «BOGAGE».

# O CA CHECO

A paisagem escocesa no pescoço estigado. Um quadrado de vento um quadrado de frio uma fração de medo um sorriso coado e o silêncio traidor em desfilio. O roteu passado perdurando a alma chateada num museu moderno. Ter a paisagem exata. O talento prodigo e uma chapéu de Imagens num postal escrito óma lua de mel nos desportos de Inverno.

JOSE CARLOS ARY DOS SANTOS  
Do livro no prelo «Adeços, Adeços» (coleção Poésias e Verdade, — Guimarães Editores).

## DESPEDIDA

Do navio  
Do parte  
Ao longo do cal,  
A voz do adas  
Repete uma prece...

Depois  
Fica  
O mar  
Emoldurando a noite  
E uma galvoia branca  
A evocar o tedio...

(Do Livro «Fé e Paço»)  
MANUELA AMARAL